

A moça tecelã

(Marina Colasanti)

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida.

Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. — Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

1) De acordo com o texto, quem acordava ainda no escuro era a moça tecelã. Como se comprova essa afirmação considerando a leitura do texto até o 1º parágrafo?

A moça tecelã é o termo referente que aparece no título do texto.

2) "... que ela ia passando entre os fios estendidos, **enquanto** lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte."

Nesse excerto, a conjunção em destaque tem sentido de :

- a) tempo
- b) concessão
- c) causa
- d) **proporção**
- e) explicação

3) Assinale o item que resume a seguinte passagem do texto "...descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar."

- a) astúcia
- b) **cobiça**
- c) sagacidade
- d) complacência
- e) transigência

4) Segundo o texto, a tecelã podia tecer tudo que queria: comida, bebida, até o próprio marido. O que ela não tecia?

- a) as folhas e os pássaros
- b) **o dia e a noite**
- c) o sol e a chuva
- d) os filhos e as filhas
- e) o marido e o tapete

5) "... em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que **ele** poderia lhe dar. "a que termo o pronome em destaque se refere?

- a) ao marido
- b) ao tapete
- c) aos filhos que viriam
- d) ao palácio
- e) **ao tear**

6) "Mas tecendo e tecendo, ..." a repetição do verbo permite inferir que:

- a) **tecer era um ato contínuo**
- b) a repetição limita-se a enfatizar o verbo tecer.
- c) o ato de tecer, para a tecelã, era intermitente.
- d) a repetição do verbo contém o sentido de enfadonho.

e) era uma ato de procrastinação, pois nunca terminava o tecido.

7) Em "...que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade." O pronome que se refere a filhos e tem função de objeto direto do verbo tecer. Essa função do pronome **que** se repete no item:

- a) que entremeava o tapete
- b) que em pontos longos rebordava sobre o tecido
- c) **que ela ia passando entre os fios estendidos,**
- d) em que se sentiu sozinha
- e) que lhe dariam companhia

8) Em "... lá fora a claridade da manhã **desenhava** o horizonte", o verbo **desenhar** equivale a:

- a) **delinear**
- b) descrever
- c) apresentar
- d) destacar
- e) surgir

9) A linguagem predominante no texto é:

- a) denotativa
- b) argumentativa
- c) **conotativa**
- d) jornalística
- e) coloquial

10) Que provérbio melhor caracteriza o texto de Marina Colasanti?

- a) Santo de casa não faz milagre.
- b) Nem tudo que reluz é ouro.
- c) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- d) **Quem tudo quer tudo perde.**
- e) Casa de ferreiro, espeto de pau.

11) No texto, ocorrem figuras de linguagem como:" O vento e o frio brigavam com as folhas." O item em que ocorre prosopopeia, como no exemplo dado, é:

- a) ...a moça pensou nos lindos filhos que teceria.
- b) ...o nada subiu-lhe pelo corpo.
- c) Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas
- d) E foi passando-a devagar entre os fios,
- e) **... a chuva vinha cumprimentá-la à janela**

12) "... escolhia um fio **de** prata,..." O valor semântico da preposição **de** é

- a) posse
- b) **matéria**
- c) finalidade
- d) assunto
- e) instrumento

13) O fragmento “bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.” explicita, no conto, uma relação de

- a) possibilidade e impossibilidade
- b) verdade e ficção
- c) loucura e sanidade
- d) realidade e imaginação
- e) **causa e consequência**

14) O trecho que apresenta um elemento responsável pela continuidade dos fatos da narrativa é:

- a) “Acordava ainda no escuro”
- b) “a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo”
- c) “ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha”
- d) “O moço meteu a mão na maçaneta”
- e) **“E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior”**

15) No desfecho da narrativa, “a moça escolheu uma linha clara”. O que a escolha da linha de cor clara simboliza no conto?

- a) Conformismo
- b) Tristeza
- c) **Serenidade**
- d) Solidão
- e) Entusiasmo

16) No trecho “E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, [...] corpo aprumado, sapato engraxado”, os adjetivos selecionados caracterizam o homem como alguém

- a) educado
- b) **vaidoso**
- c) mau
- d) tímido
- e) bondoso

17) No trecho “Mas se o homem tinha pensado em filhos, **logo** os esqueceu”, o sentido da conjunção destacada é de

- a) **tempo**
- b) exclusão
- c) dúvida
- d) conclusão
- e) intensidade

18) No trecho “**Afinal** o palácio ficou pronto”, a palavra em destaque acrescenta um sentido de tempo ao verbo. Em qual das frases a palavra apresenta esse mesmo sentido?

- a) Afinal, ela não teve culpa do ocorrido.
- b) Afinal, quem perdoaria aquele homem?
- c) Afinal, ela vai ou não destecer o marido?
- d) **A moça tecelã, afinal, foi reconhecida.**
- e) O homem foi embora ou não, afinal?

19) Considerando o contexto, a conjunção **e**, no trecho “Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo”, confere ao trecho uma ideia de

- a) contrariedade
- b) intensificação**
- c) alternância
- d) disparidade
- e) dúvida

20) O trecho “Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou” poderia ser reescrito, sem alteração de sentido, do seguinte modo:

- a) Conforme tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou.
- b) Como tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou.**
- c) Quando descobriu o poder do tear, em nada mais pensou.
- d) Embora tivesse descoberto o poder do tear, em nada mais pensou.
- e) À medida que tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou.